

CRÍTICA AO DIAGNÓSTICO DE TRANSTORNO DE CONDUTA (DSM-V - CID 10) UMA HIPÓTESE SOBRE A VIOLÊNCIA COMO NOVO SINTOMA

Pedro Castilho

Este artigo traz à tona uma discussão diagnóstica do transtorno de conduta e transtorno desafiador de oposição, conforme definido na Classificação Internacional de Doenças, 10ª Revisão (CID-10) e no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V) para contrapor com a discussão no campo da psicanálise sobre a questão da agressividade e da violência. Atualmente, a psicanálise compreende a questão da agressividade e da violência a partir dos novos sintomas e do declínio da função paterna.

Pretendemos problematizar a questão deste diagnóstico levando em consideração os aspectos da teoria psicanalítica. A referência para este capítulo do livro é apontar que a violência presente nos sujeitos de diagnósticos de transtorno opositor é uma resposta à falência do laço social em razão do declínio da função paterna. Pretendemos apresentar o diagnóstico de transtorno de conduta e transtorno desafiador presentes no CID 10 e no DSM V (APA, 2013) para apontar suas limitações diagnósticas no que concerne ao tema da agressividade e da violência.

Em seguida, pretendemos apresentar a noção de recalque e repressão na teoria freudiana sobre a agressividade. Neste momento, o tema da agressividade aparece como recalque e culpabilização e, em um segundo momento, vamos

percorrer os índices de agressividade no texto “O Estádio do Espelho” de Jacques Lacan. Em seguida, vamos apresentar o filme “Laranja Mecânica” de Stanley Kubrick para compreender a agressividade como violência e a violência como um novo sintoma. A conclusão deste texto é apontar a violência como um novo sintoma questionando o diagnóstico do CID 10 e no DSM V (APA, 2013) como transtorno de conduta e transtorno desafiador e delinear as características do que podemos entender como novos sintomas.

O transtorno de conduta é um termo utilizado na classificação psiquiátrica (CID 10 e DSM 5) que se refere a um padrão de comportamento antissocial em que o indivíduo quebra as regras sociais e realiza atos agressivos que perturbam a ordem (EARLS, 1994). O transtorno desafiador de oposição é uma variante mais branda observada em crianças e adolescentes. O termo “distúrbios de conduta” (ou “distúrbio de conduta”) é usado nessa diretriz para abranger ambos os distúrbios (EARLS, 1994, p. 67). Como o termo não é bem conhecido entre o público, ou mesmo entre os profissionais de saúde, o título da diretriz inclui o termo “comportamento antissocial”.

O diagnóstico de transtorno de conduta é mais comum na infância e na adolescência e é a razão mais frequente para o encaminhamento para serviços de saúde mental na infância e adolescência feito pelas escolas e pelas famílias. Uma alta proporção de crianças e jovens com distúrbios de conduta cresce e se torna um adulto antissocial com estilos de vida empobrecidos e destrutivos; uma minoria significativa desenvolverá transtorno de personalidade antissocial, entre os quais os mais graves atenderão aos critérios de psicopatia.

Transtornos de conduta na infância e adolescência estão se tornando mais frequentes e impõem uma grande carga pessoal e econômica aos indivíduos e à sociedade, envolvendo não apenas serviços de saúde e agências de assistência social, mas todos os setores da sociedade, incluindo a família, escolas, polícia e justiça criminal.

A violação dos direitos de outras pessoas que se apresentam, também, como violência e agressividade, é um requisito para o diagnóstico de um distúrbio de conduta. Como as manifestações dos transtornos de conduta e do comportamento antissocial incluem o fracasso em obedecer às regras sociais, apesar das capacidades mentais e sociais relativamente intactas, muitos viram os transtornos como principalmente socialmente determinados. Portanto, pode-se argumentar que a responsabilidade por sua causa e eliminação recai unicamente nas pessoas que podem influenciar o processo de socialização como pais, professores, departamentos de serviço social e políticos, em vez de profissionais de saúde.

Em razão de uma prevalência do discurso biológico em detrimento de outros discursos, estamos nos deparando com a existência de grandes explicações genéticas e biológicas para conduzir distúrbios antissociais. Portanto, a contribuição desses fatores precisa ser avaliada e fatorada em planos de intervenção.

Muitos dos aspectos descritivos dos transtornos de conduta podem ser mais bem compreendidos e esclarecidos se examinarmos sob a ótica psicanalítica, por exemplo, sua etiologia, vinculados às organizações do sujeito e maior prevalência no sexo masculino juntamente com o declínio da função paterna na contemporaneidade. Além disso, ressaltamos que é importante investigar os destinos da violência na contemporaneidade. Pretendemos percorrer a ideia de que estamos diante de uma realidade em que a violência passa a ser encarada como um sintoma social e os sujeitos adolescentes são os que mais encarnam esse discurso.

A AGRESSIVIDADE COMO ÓDIO: RECALQUE E CULPA

Neste artigo, pretendemos recuperar a hipótese de que o diagnóstico de transtorno de conduta está vinculado à categoria de novos sintomas. Neste ponto, é importante fazermos uma regressão para lembrarmos que a concepção de violência na teoria de Sigmund Freud está vinculada, em um primeiro momento, ao recalque e à repressão. Deste modo, vamos recuperar a noção de agressividade e violência sendo subjetivada como ódio e culpa na teoria freudiana.

Conforme Freud, para que haja a dissolução do complexo de Édipo, é necessária uma articulação entre a ameaça de castração e as identificações edípicas, a partir do ódio e da agressividade. Se as consequências da ação paterna têm em seu bojo uma nova regulação dos afetos, essa abordagem implica na montagem do aparelho psíquico e no aparecimento dos afetos de amor e ódio. As bases para esse percurso são os textos metapsicológicos de Freud sobre os mecanismos do inconsciente. Se o pai é incerto no que concerne à sua apreensão teríamos na ação do Pai uma garantia para a montagem das barreiras subjetivas e dos afetos de amor e ódio.

Levando em consideração o complexo de Édipo, cabe aqui confirmar a hipótese da neurose a partir do desejo de morte do Pai. Pretendo demonstrar que o desejo de morte do Pai é a subjetivação do que Freud chamou de ambivalência de amor e ódio. No recalque está a base para a construção do objeto de satisfação do sujeito. Com relação à gênese do objeto, este carrega algo similar ao recalque. Em “Pulsões e seus destinos”, Freud demonstra que a gênese do

objeto de satisfação, para criar seus destinos, se dá como consequência do ódio, pois o “objeto nasce do ódio” (FREUD, 2003 [1915], p. 47).

As questões sobre o masoquismo no corpo, que seria consequência, a nosso ver, do objeto que nasce do ódio, são trabalhadas a partir da noção do masoquismo original. (FREUD, 2003 [1915]). Com relação a esse fenômeno, Freud (2003 [1915]), recupera duas variações de recalque: o recalque original e o recalque propriamente dito. O primeiro cumpre a função de fixação, criando um enlaçamento da pulsão com um objeto para se satisfazer. Essa fixação se dá a partir da negação da entrada de um representante psíquico, o recalque.

A partir deste ponto, podemos afirmar que o complexo de Édipo teria como fundamento a ameaça de castração. A psicanálise demonstra que a dissolução do complexo de Édipo é ocasionada por essa ameaça: “o significado do complexo de castração só pode ser corretamente apreciado se sua origem na fase da primazia do falo for também apreciada” (FREUD, 2003 [1924], p. 185).

Logo, a partir do temor à castração, o menino identifica-se com o Pai pela introjeção da imago paterna (ego ideal); no ego, dá-se o recalque do desejo incestuoso (morte do Pai), aproximando o complexo de Édipo da castração. Se a criança se volta em direção ao Pai – ou à pessoa que a sustenta –, é porque ela se identifica com o olhar paterno. A rivalidade (ódio e agressividade) com o Pai seria a subjetivação inconsciente do desejo de matá-lo, um desejo de morte do Pai, consequência da tentativa da criança de evitar a castração.

Visto que esse desejo de morte não se realiza, torna-se inconsciente. Como não existe uma representação para a morte, o Pai, afastado, retornaria para castigar o filho em ato. O gesto de evitar a castração do filho provocaria o sentimento de morte como resultado da morte imposta ao Pai, o que vem evocar as vicissitudes da vida sexual da criança como condição para o encerramento do complexo de Édipo.

Logo, o apelo à questão do Pai entra em cena. O eu não pode renunciar ao Pai morto nem reagir a ele com agressão. Deve amá-lo como autoridade inatacável (escolha analítica de objeto) e, nessa posição de impasse, degrada o Pai; em fantasia, identifica-se com o Pai degradado e a agressividade é recalçada.

O conflito entre o amor ao Pai e o ódio a ele é encenado internamente, mas invertido. A agressividade ao Pai retorna sob a forma de um imperativo superegóico, implicando o sujeito em um paradoxo entre o amor (ideal) e o ódio (recalque) em relação ao Pai, interpretado sob a forma de um mal-estar. Tendo o mesmo como referência, pretende-se aproximar as funções de amor e ódio em relação a este pai de Freud. Para que haja o sacrifício do filho, é necessário que

ele subjetive esse Pai com os afetos de amor e de ódio, o que Freud chamou de ambivalência.

Toda a questão da ambivalência, para Freud, concentra-se na organização fálica, na representação do órgão fálico. O sacrifício do filho revela-se a partir da ambiguidade que ele estabelece com a realidade assimilada do Pai. Agora, o filho sacrifica seu corpo para que, da cultura, a partir do recalque, ele possa se satisfazer. O Pai torna-se a condição do inconsciente, a partir do recalque, que coloca em jogo a castração do filho. Aqui, é importante demonstrar que, em um primeiro momento, na teoria freudiana, a agressividade é introjetada sob a forma de culpa em consequência do recalque. Vamos agora demonstrar a questão da agressividade e da culpa a partir da concepção de repressão presente na modernidade.

A CULPA E A REPRESSÃO NA ERA VITORIANA

Em “A moral sexual civilizada”, de 1908, Freud observa que a experiência nociva das civilizações se reduz à repressão da vida sexual. Neste ensaio inicial sobre o mal-estar na cultura – “A moral sexual ‘civilizada’ e a doença nervosa dos tempos modernos” –, o discurso freudiano indicou como foram as repressões ao livre movimento e circulação das pulsões sexuais, realizadas em diferentes momentos da história do Ocidente, e que se efetuaram pelas instituições sociais, que seriam as condições de possibilidade das “doenças nervosas”. Como esse processo teria se desenvolvido na modernidade, poderia, assim, ser interpretado pelo incremento das perturbações psíquicas nesse contexto histórico. Seria essa, enfim, a consequência maior da moral monogâmica.

A moral é a marca da civilização. A distribuição entre o bem e o mal que faz essa moralidade civilizatória é a renúncia da satisfação sexual. A renúncia pulsional se estabelece paralelamente à civilização e a religião passa a reforçar o processo da repressão. Assim, a moral seria responsável por um aumento do número e da gravidade das doenças nervosas modernas devido, principalmente, à redução das possibilidades de satisfação. Apenas indico o tema, sem aprofundá-lo, para marcar o paradoxo apresentado por Freud (2003 [1929]): cada renúncia ao pulsional se torna, agora, uma fonte dinâmica da consciência moral. Cada nova renúncia aumenta a sua severidade e intolerância. Ou seja, quanto mais se renuncia ao gozo, mais severo se torna o supereu. A renúncia pulsional cria a consciência moral que, depois, exige cada vez mais renúncias. Renuncia-se à pulsão para satisfazer à consciência moral e, a cada vez, o supereu exige mais renúncias.

A moral sexual é caracterizada por uma coerção dos impulsos sexuais. Após discutir a causa biológica das síndromes, juntamente com o higienismo, com Krafftin Ebbing e Binswanger, autores já renomados à época, Freud, na “Moral sexual civilizada”, demonstra que toda expressão da cultura se apoia nas proibições da pulsão. A renúncia pulsional nos possibilita ter laços emocionais, permitindo à Freud demonstrar a virada da sociedade agrícola para a sociedade moderna, período em que escreve esse texto.

Os efeitos dessa coerção se voltam contra os seres humanos. Freud comenta essa construção da seguinte maneira: nossa cultura repousa integralmente sobre a coerção das pulsões – cada um é convocado a renunciar uma parcela da pulsão agressiva e libidinal, em favor da vida em grupo. Nesse texto, que precede o “Totem e tabu”, já podemos perceber as preocupações de Freud com relação à organização da civilização e as consequências disso no psiquismo do sujeito moderno. Parece que Freud já começava a vislumbrar a construção de um mito.

Assim, podemos observar que não é em vão que as reflexões teóricas desenvolvidas desde “Totem e tabu” (FREUD, 2003 [1913]) até “Moisés e o monoteísmo” (FREUD, 2003 [1929]) criam uma indagação: “o que é um Pai?”. O trabalho de Freud foi o de inventar o mito do assassinato do Pai da horda primitiva para, assim, expressar a lei sobre a interdição do incesto e a proibição dos desejos do filho em relação à mãe, juntamente com o aparecimento do juízo moral. Freud procura demonstrar o substrato edípiano presente nessa interdição.

O mito freudiano indica que a culpabilidade, ou a “culpa humana universal”, é, como podemos perceber, consequência do desejo do filho de destruir o Pai, oriundo do sentimento de ambivalência nutrido na fase fálica (FREUD, 2003 [1913]).¹ Para Freud, no seu “Mal-estar na civilização”, de 1929, o ser humano estaria submetido a três tipos de males que poderiam lhe causar sofrimentos: as catástrofes naturais, as doenças contagiosas e as relações entre os próprios humanos. Com relação aos dois primeiros, segundo Freud, não poderíamos interferir de maneira decisiva, mas em relação a este terceiro mal, Freud faz uma reflexão a partir da temática do segundo mandamento: “amarás ao próximo como a ti mesmo”.

Freud passa a questionar o efeito civilizador desse mandamento. Para ele, se o próximo fosse um objeto possível de seu amor, esse amor não poderia

¹ O sentimento de ambivalência, nessa fase, é proposto por Freud (2003 [1913]) no texto “Totem e tabu”. Haveria uma ambivalência de amor e de ódio das comunidades primitivas e do sujeito obsessivo diante do tabu e do Pai, respectivamente.

ser imposto como um mandamento. Para o psicanalista, não basta amar ao próximo, é preciso amá-lo tanto quanto o sujeito ama a si mesmo. Freud vai considerar esse mandamento exorbitante. A partir daí, faz uma reflexão sobre as vicissitudes do amor e do ódio. É então que Freud ratifica suas hipóteses sobre a ambivalência, confirmando uma exacerbação do amor ao próximo, que, paradoxalmente, faz surgir uma força do supereu sobre o Eu. Essa ação do ódio sobre o Eu é demonstrada pela subjetivação do sentimento de culpa, sentimento este que seria a própria expressão do mal-estar na cultura. A culpa a que Freud faz referência é fundada sobre um Pai que traz implicações para a construção do inconsciente edipiano.

Neste ponto, é importante lembrar que para Freud, o sintoma tem um efeito de proteção do recalque. O sintoma aparece como solução que busca estabelecer uma homeostase que teria sido quebrada pelo conflito psíquico que se apresenta como produto recalcado. Até este ponto, apresentamos a questão da agressividade e do ódio a partir da noção de recalque na constituição do Édipo juntamente com a questão da repressão que caracterizou a era vitoriana. Nestes dois pontos, a teoria freudiana apontou a neurose como paradigma da modernidade. A culpa seria o efeito subjetivo da agressividade do supereu.

A AGRESSIVIDADE E O ÓDIO EM LACAN: EFEITOS DO SIMBÓLICO

O esquema “L” de Jacques Lacan é outra referência para pensarmos os destinos da agressividade. Nesse ponto, podemos apresentar esse esquema para compreendermos como a agressividade se subjetivou. Esse esquema mostra o imaginário e o simbólico com as duas instâncias que captam essa dimensão. A existência da temporalidade deve-se, entre outros aspectos, à marca simbólica. Explicando a expressão do giro do simbólico poderíamos vislumbrar a referência de Lacan a Santo Agostinho: “vi com meus olhos e conheci bem uma criancinha tomada pelo ciúme: ainda não falava e contemplava pálida e com uma expressão amarga, seu irmão de leite” (SANTO AGOSTINHO apud LACAN, 1998 [1966], p. 117).

Santo Agostinho cria uma imagem sobre a cena da criança ao lado de seu irmão recém-nascido e sua mãe. O registro escópico é bastante importante, pois permite perceber o instante em que o olhar se cega. É a partir deste registro que Lacan resgata o filósofo patrístico que comenta o momento em que a criança se coloca em um estado de agressividade quando percebe a presença de seu irmão mais novo.

Há, então, a confirmação de que todo o conhecimento do objeto vem do conhecimento de ciúme. O objeto passa a ser fonte de concorrência e de rivalidade. Podemos verificar que existe uma relação assimétrica de idealização contrapondo a uma relação simétrica de rivalidade. Na trama do ciúme, existe uma imagem que não se capta – reconhece-se o outro como igual, mas também como rival. Em outras palavras, o desejo do sujeito vai se consolidar a partir de uma rivalidade com o Outro no campo da simetria e uma idealização assimétrica.

As representações do Outro trazem a palavra para sustentar a imagem. O ciúme e a rivalidade do *infans* é a garantia dos dizeres que vem do Outro. Existe um acordo que inclui a palavra. O processo dialético se situa na negação do que captura a imagem do “ou eu ou você”. Para Lacan, teríamos duas subjetivações: de um lado, o eixo do imaginário, e de outro, o eixo simbólico. Isso quer dizer que, em um primeiro momento, no eixo $a \leftrightarrow a'$ estaria a intencionalidade agressiva, talvez aí possamos compreender a ambivalência freudiana, em que ainda não existe um reconhecimento do sujeito no Outro. A criança ainda assimila-se pela imagem. É outro eixo $S \leftrightarrow A'$ que teríamos o corte da relação especular incidindo o simbólico.

O valor da cena da criança olhando o irmão é o espetáculo imaginário, proporcionado pelo próprio sentimento de completude. Quando a criança parece ter ameaçada a imagem especular, uma experiência de não-especularização da imagem do *infans* faz desencadear o sentimento de ciúme, inaugurando o segundo simbólico. Na trama do ciúme, vem uma imagem que nos capta. Reconhecer o sujeito como igual e ao mesmo tempo como rival. Essa experiência é o corte que o imaginário sofre pelo simbólico. O momento em que incide uma fissura no eu. A divisão do eu é a marca de um sujeito irremediavelmente cindido. Lacan, a partir desta experiência faz a distinção entre o *moi* (imaginário) e o *Je* (simbólico).

Quando a criança da cena citada detecta sua relação com seu irmão de leite, uma agressividade original é formada: o eixo imaginário $a \leftrightarrow a'$ inaugura o que Lacan denominou de “O estádio do espelho” constituindo a alienação do sujeito em sua imagem ideal. A consequência disto é a agressividade incompatível com o *moi*, a dificuldade do *moi* em alcançar os ideais como um corte narcísico do sujeito. Existe uma justaposição entre a castração erótica e a agressividade. A relação agressiva intervém na relação do *moi*. Ela é uma intenção agressiva que integra o funcionamento da imagem, por isso Lacan aponta o afeto do ódio como o que mais se refere ao ser.

Aqui, é importante lembrar que a psicanálise aponta para algumas falhas na compreensão diagnóstica do transtorno de conduta se levarmos em consideração os afetos do ódio e da agressividade. Neste ponto, a psicanálise de orientação lacaniana busca compreender os fenômenos atuais de violência e agressividade tendo como referência a categoria de novos sintomas. Para compreendermos esta outra proposta de Lacan sobre os novos sintomas, devemos nos dedicar à concepção de declínio da função paterna.

O DECLÍNIO DA FUNÇÃO PATERNA

Na sociedade contemporânea, a pulsão revela ainda mais sua face mortífera, como modo de gozo presente tanto nos novos sintomas quanto na violência. O declínio da função paterna e a falência dos ideais na atualidade trazem à tona um sujeito sem responsabilidades para com seu desejo e o Outro. Torna-se um sujeito tomado pelo imperativo de gozo da civilização técnico-científica e da política de um mercado globalizado.

A família patriarcal que institui a lei e a moral orientada pela figura paterna não está mais em evidência. Nos tempos atuais, a concepção de família se pluralizou e novos modelos começaram a aparecer. O pai da tradição e da lei caducaram e surgiu uma paternidade contratual, negociada e desprovida da assimetria que lhe dava a autoridade, ainda que a paternidade definida por normas variáveis resulte afinada com as novas disposições das famílias (LAURENT, 2006).

Encontramos, na atualidade, novos laços e ficções familiares: casais homoparentais, reprodução assistida, barriga de aluguel, família monoparental e famílias reconstituídas. Com o avanço da ciência e de suas novas parcerias, sobretudo com o capitalismo, a função paterna perdeu seu lugar de hegemonia e foi sendo reconsiderada.

O declínio da função paterna é um signo de uma época. O que este declínio revela é que não se crê mais no pai. A descrença é o que se revela na contemporaneidade. Cada vez mais encontramos sujeitos em conflito com a ordem pública e com a passagem ao ato. O declínio da função paterna traz à tona um sujeito que não mais se orienta a partir do Nome-do-Pai. A violência contemporânea é dessubstancializada e também perde qualquer sentido direcionando ao Outro. Vamos apresentar o filme de Stanley Kubrick de 1971 que traz à tona uma abordagem sobre o tema da agressividade e violência como paradigma para compreendermos a categoria da violência como um novo sintoma.

LARANJA MECÂNICA: A VIOLÊNCIA COMO SINTOMA SOCIAL

Pretendemos apresentar o filme de Stanley Kubrick, “Laranja Mecânica”, de 1971, como paradigma para compreendermos o estatuto da violência na contemporaneidade. Neste ponto, a violência não atua mais a serviço do recalque ou da época moderna. O que está em jogo é a falência do grande Outro juntamente com a crise dos ideais. A violência aparece dessubstancializada e esvaziada de sentido.

Em uma Inglaterra futurista, Alex DeLarge é o líder da gangue de “droogs” juntamente com Georgie, Dim e Pete. Em uma noite, depois de ficarem drogados com o “leite-plus”, a gangue se envolve em uma noite de “ultra-violência”.

Eles dirigem um carro em direção à casa de campo de um escritor chamado Alexander e o espancam a ponto de incapacitá-lo. Uma cena de violência ocorre quando Alex estupra a esposa do escritor enquanto canta “*Singing in the Rain*”. No dia seguinte, enquanto matava aula da escola, Alex é abordado por seu agente socioeducativo, o Sr. P. Del. Deltoid, que estava ciente das atividades de Alex e o adverte.

Em um momento seguinte, os colegas de Alex expressam descontentamento com pequenos crimes e querem roubos mais lucrativos, mas Alex afirma sua autoridade diante dos demais fazendo os colegas recuarem. Mais tarde, Alex invade a casa de uma rica “mulher-gato” e a espeta com uma escultura fálica enquanto seus colegas drogados permanecem do lado de fora.

Ao ouvir sirenes, Alex tenta fugir, mas Dim esmaga uma garrafa em seu rosto, atordoando-o e deixando-o preso pela polícia. Com Alex sob custódia, o Sr. Deltoid alega que a mulher que ele atacou morreu, fazendo de Alex um assassino. Ele é condenado a catorze anos de prisão.

Dois anos depois da sentença, Alex aceita ansiosamente uma oferta de ser cobaia em um teste para a nova técnica Ludovico que consiste em uma terapia de aversão experimental para reabilitar criminosos dentro de duas semanas. Alex é amarrado a uma cadeira, injetado com drogas e forçado a assistir filmes de sexo e violência com os olhos abertos. Alex fica enjoado com os filmes e, em seguida, reconhece que os filmes são musicados pelo seu compositor favorito, Ludwig van Beethoven. Temendo que a técnica vai deixá-lo doente ao ouvir Beethoven, Alex implora o fim do tratamento. Duas semanas depois, os responsáveis demonstram a reabilitação de Alex para um encontro de autoridades. Alex é incapaz de lutar contra um ator que o insulta e ataca, e fica doente ao ver uma mulher de topless. O capelão da prisão reclama que Alex foi privado de seu livre-arbítrio, mas o

ministro afirma que a técnica de Ludovico vai cortar o crime e aliviar o apinhamento nas prisões.

Quando Alex é solto, descobre que seus pais venderam suas posses como restituição para suas vítimas. Alex encontra um vagabundo idoso que ele havia atacado anos antes, e o vagabundo o ataca. Alex é salvo por dois policiais, mas fica chocado ao descobrir que eles são seus ex-droogs Dim e Georgie. Estes colegas o levam para um campo, espancam-o e quase o afogam antes de abandoná-lo.

Alex acorda na casa do escritor Sr. Alexander, onde ele está sendo cuidado pelo criado de Alexander, Julian. O Sr. Alexander não reconhece Alex do ataque anterior, mas conhece Alex e a técnica Ludovico dos jornais. Ele vê Alex como uma arma política e se prepara para apresentá-lo aos seus colegas. Enquanto toma banho, Alex canta “*Singing in the Rain*”, fazendo com que o Sr. Alexander perceba que Alex foi a pessoa que atacou ele e sua esposa. Com a ajuda de seus colegas, o Sr. Alexander droga Alex e o prende em um quarto no andar de cima da casa. Ele então toca a Nona Sinfonia de Beethoven em voz alta do andar de baixo. Alex é incapaz de suportar a dor doentia e tenta o suicídio atirando-se pela janela, caindo inconsciente no chão.

Alex acorda em um hospital com ossos quebrados. Enquanto recebe uma série de testes psicológicos, Alex descobre que não tem mais aversão à violência e ao sexo. Alex, em seguida, contempla a violência e tem pensamentos vívidos de si mesmo tendo relações sexuais com uma mulher na frente de uma multidão; pensando: “Eu estou curado, tudo bem!”.

Tanto a “ultra-violência” que subjaz o filme como a última cena de Alex, dizendo “eu estou curado”, podem levar a uma má interpretação do filme. Essas teses comportamentais são ilustrações do aterrorizante tratamento “Ludovico”, que impõe a um criminoso fazer o bem contra sua vontade. Não há redenção neste comportamento artificial. Um indivíduo forçado a “atuar” não é necessariamente “bom”.

O filme mostra uma sociedade de autoridades cínicas e públicas que empunham uma demagogia. Uma crítica a uma ordem social em que o Bem e a moralidade dão lugar a um mero utilitarismo policial e tecnocrático ou químico. Nesse ponto, podemos entender as técnicas da psiquiatria atual calcadas na lógica diagnóstica do DSM e do CID como um exemplo contemporâneo dessas ações. Aqui, é importante apresentar que a razão diagnóstica procura fazer uma crítica sobre o tratamento da violência na contemporaneidade desvinculada do sujeito.

Então, diz Kubrick (1971), muito pessimista, citando Aaron Stern, psiquiatra: “Alex representa o homem em seu estado natural, quando é ‘tratado’, corresponde ao próprio processo de civilização”.

O sistema Ludovico costumava fazer Alex não-violento se encaixando no mesmo processo; em outras palavras, a conformidade social deve ser imposta. Durante as andanças de Alex e sua gangue, vemos que eles são produtos puros da sociedade e que, quando o verniz racha, os cidadãos honestos são mais parecidos com eles do que se imagina.

Aqui é importante apresentar esse caráter multifacetado da violência gratuita demonstrando que esta é um sintoma social que está em vários lugares e que não se pode separar da dimensão social na qual se manifesta. O adolescente violento é aquele que quebra e que encontra satisfação no simples ato de quebrar e destruir. Será necessário questionar o gozo que está implícito ali e que poderia chamar “o puro desejo de destruição”. Quando denunciemos os adolescentes em situação de vulnerabilidade social, denunciemos em última análise, o puro prazer de quebrar.

O FORA DE SENTIDO E O FURO: A VIOLÊNCIA NO CAMPO DOS NOVOS SINTOMAS

Os “novos sintomas” mostram os limites de nossa prática como analistas sob transferência, porque são paradigmas desse tempo de rejeição do conhecimento, decadência de referências ligadas ao ideal, de hesitação dos semblantes na cultura.

Com o declínio da função paterna, encontramos uma banalização da promoção à violência, isso funcionaria como um modo de expressão do sentido daquilo que está fora da linguagem e do inconsciente revelando o fracasso dos recursos simbólicos. A violência aparece como uma negativa, que estaria como um fora do sentido, que não se pode simbolizar. Quando não há lei na sociedade que regule o sujeito, entramos no campo do fora de sentido com um novo estatuto para a violência. Já não podemos dizer se rouba por dinheiro ou se mata em sua própria defesa. Mata-se pelo prazer de matar; Eric Laurent chamou esta violência de irracional.

Podemos apresentar esses fenômenos como um ponto de real de um gozo fora de todo sentido possível (LAURENT, 2004). A violência não reconhece nenhum limite. A violência aparece como um fora de sentido produzido pela inexistência do Outro. O sem sentido é uma das faces da violência que não tem rosto. É o ponto que revela a inexistência do Outro.

Para Laurent, a queda dos ideais faz surgir o império do gozo. A multiplicação do violento é uma manifestação que marca a civilização contemporânea. A sociedade banalizou a violência porque não está mais no campo do sentido, mas no campo do não sentido. Existem violências em escolas, casais violentos, filmes violentos, sexo violento, violências domésticas, professores violentos, alunos violentos, pais violentos, etc. O declínio da função paterna apresenta uma maneira diferente de compreender os fenômenos psíquicos. A violência tem um estatuto de não sentido por estar articulada a uma concepção de que o Outro se apresenta como um furo no real. Neste ponto, podemos propor a violência como um dos nomes dos novos sintomas.

O quadro abaixo apresenta uma reconsideração ao articular a violência no campo dos novos sintomas e desarticulada do Outro. Articular a violência ao sintoma contemporâneo é implicar este fenômeno ao campo da inexistência do Outro.

Era vitoriana	Contemporaneidade
Metáfora Paterna	Declínio da Função Paterna
No primeiro ensino de Lacan o Nome-do-Pai é o significante por excelência que produz um efeito de sentido real. É o nome do significante que dá sentido ao gozado.	O último ensino de Lacan é um ensino da psicanálise sem o Nome-do-Pai, no qual o Nome-do-Pai é reabsorvido no múltiplo.
O primeiro ensino de Lacan toma o Outro como um dado de base.	Parte do que é próprio de cada um e que não pode, de modo algum, ser posto em comum, surge do que não se partilha.
Repressão e Recalque – Culpa	Passagem ao ato <i>Acting out</i>
Neurose	Psicose ordinária
Quando se fala de falta restam os lugares. Obedece à ordem dos lugares. Os lugares são intocados pela falta.	Aqui não se trata da falta no Outro, mas no lugar do Outro. Posição própria ao resto, ao real, a exclusão de sentido. Todo gozo se coloca em relação ao furo.
Sujeito do inconsciente	Sujeito errante
Gozo como mensagem ao Outro	Gozo opaco da letra
Violência vinculada ao Outro	Violência gratuita
Podem-se inscrever outros termos no lugar da falta. Assim se obtém uma permutação. Portanto válida na combinatória.	Sem o Nome-do-Pai não há o corpo, mas o corporal, a carne, a matéria, a imagem. Há acontecimentos que destroem o corpo.
Sintomas como mensagem no corpo (conversão histérica) e no pensamento (pensamento obsessivo)	Novos sintomas: Toxicomania, Anorexia, violência

Isso quer dizer que o que temos é a presença de um gozo opaco sem Outro, em que o Nome-do-Pai não funciona mais como referência para o sujeito. Aqui, não devemos compreender a questão do sentido proposto por Lacan, que realça em gozo (*jouissance*) o fonema *sens* (sentido), para dizer que o gozo é também sentido. Articular a violência ao campo do sem-sentido é propor um novo campo de investigação.

Isso quer dizer que, se o gozo era sentido, então o Outro estaria implicado nele muito naturalmente porque o sentido só tem valor para o Outro. Considerando que Lacan diz *jouis-sens* ([eu] gozo-sentido), em “Televisão”, quando ele decompõe a palavra para fazer ver nela o sentido (*sens*), ele dá outra fórmula à

questão do sentido, ele diz que o gozo é opaco. O gozo exclui o sentido e é nisso que se pode dizer que ele é opaco. Jacques Lacan é, muitas vezes, dedicado a pensar sobre a relação entre o prazer opaco do sintoma e a operação analítica. Mas é na lição IX – “Do inconsciente ao Real”, que Lacan caracteriza como o gozo opaco.

Se a operação freudiana obtém da decifração da chave do sintoma, ela não consegue mover esses novos sintomas da época que rejeitam o inconsciente e dispensam o Outro. Com relação a estes novos sintomas, não há decifração do gozo da anorexia, da intoxicação, do pânico, da violência; isso não é decifrado.

Devemos alterar sua operação em uma operação mais próxima do Pai traumático que do pai simbólico. A partir daí, o sujeito circulará em uma metonímia que tome outra direção.

O que se apresenta é um gozo desenlaçado. Quando Lacan propõe no seu “Seminário, Livro 20: Mais, ainda: Lá onde Isso fala, Isso goza”, há uma conjunção entre esse lugar do Isso e do Outro, e em todo efeito de sentido já está incluído um gozo. Já é “não há sentido sem gozo”. Neste ponto que devemos formular o efeito de sentido gozado como furo.

O furo, tal como Lacan elabora seu conceito em seu último ensino, é totalmente diferente. O furo comporta o desaparecimento da ordem dos lugares no campo do Outro. Ele comporta o desaparecimento do próprio lugar da combinação. Esse é o valor mais profundo do A, que não quer dizer aqui uma falta no Outro, mas, no lugar do Outro, um furo, o desaparecimento da combinação. E em relação ao furo que há ex-sistência, posição própria ao resto, posição própria ao real, ou seja, a exclusão do sentido.

PARA CONCLUIR: CRÍTICA AO DIAGNÓSTICO DE TRANSTORNO DE CONDUTA (DSM V): UMA HIPÓTESE SOBRE A VIOLÊNCIA COMO NOVO SINTOMA

A psiquiatria biológica orientada pelo DSM e o CID demonstra que os sintomas estão condicionados às alterações dos neurotransmissores, indicando como tratamento uma ação neles. Para a psicanálise, o Sujeito é o efeito do significante em relação há um outro significante, criando uma relação mediada pela linguagem.

Para o psicanalista, o sintoma se apresenta a partir da relação com o Outro, o que é feito a partir do seu dizer e não dos seus ditos. Hoje, percebemos que a profecia freudiana se cumpriu na noção de caso a caso no singular. Por que o

singular? Porque aqui o objetivo não é o de retomar as “classificações”, como no DSM, mas sim nas singularidades de cada caso tendo em consideração os desenlaces e os lanços de cada sujeito. Preservar a singularidade pode muito bem ser uma orientação no tratamento desses “novos sintomas”, desde ir da monotonia do Um, do tédio do Um a uma experiência do heterogêneo, é algo que uma análise deve buscar para um sujeito. Isso forçando o um em direção ao singular é a aposta da “novidade lacaniana” para os sintomas contemporâneos.

Este artigo apresentou um contraponto sobre os destinos da agressividade na época vitoriana que se apresenta a partir da culpabilidade, como também, na contemporaneidade que se vincula à agressividade e à violência além da dimensão da repressão e do recalque (culpa). O que temos são as novas maneiras de se compreender a violência vinculada ao campo dos novos sintomas diferentemente da psiquiatria biológica que trata a questão a partir de alterações dos neurotransmissores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, Fifth Edition (DSM-V)**. Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013.

EARLS, F. Oppositional-defiant and conduct disorders. In: RUTTER, M.; TAYLOR, E.; HERSOV, L. A. (editors). **Child and adolescent psychiatry: modern approaches**. Oxford: Blackwell Scientific Publications, 1994. p. 308-329.

FREUD, S. **Tótem y tabú y otras obras**. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 2003. (Obras completas vol.13).

_____. De la historia de una neurosis infantil (el “Hombre de los Lobos”). In: _____. **Pegan a un niño. Contribución al conocimiento de la génesis de las perversiones sexuales**. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 2003. (Obras completas vol.17).

_____. El yo y el ello y otras obras. In: _____. **Una neurosis demoníaca en siglo XVII. La organización genital infantil (Una interpolación en la teoría de la sexualidad). Neurosis y psicosis. El problema económico del masoquismo**.

El sepultamiento del complejo de Édipo. La pérdida de realidad en la neurosis y la psicosis. La negación. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 2003. (Obras completas vol.19).

_____. **El porvenir de una ilusión. El malestar en la cultura y otras obras.**
In: _____. El porvenir de una ilusión. El malestar en la cultura. Fetichismo. Una vivencia religiosa. Sobre la sexualidad femenina. Tradução José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 2003. (Obras completas vol.21).

LACAN, J. **O Seminário. Livro 7. A Ética da psicanálise (1960).** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

_____. **Escritos.** Trad. Vera Ribeiro. O seminário sobre “A carta roubada”. O estádio do espelho como formador da função do eu (1996). Função e campo da fala e da linguagem. Introdução ao comentário de Jean Hyppolite sobre “Verneinung” de Freud. Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a “Verneinung” de Freud. A instância da letra no inconsciente ou a razão depois de Freud. A significação do falo. Subversão do sujeito e dialética do desejo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. **Le Seminaire: Livre 20. Encore.** Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Paris: Éditions du Seuil, 1975.

_____. **O Seminário. Livro 23. O sintoma. (1975-76).** Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Versão brasileira de Sergio Laia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

_____. **Televisão.** Trad. Procópio Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LAURENT, E. **Sociedade dos sintomas.** Enlaces 12, Buenos Aires: Grama ediciones, 2004.

Organização Mundial da Saúde. **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde: CID-10** Décima revisão. Trad de

Centro Colaborador da OMS para a Classificação de Doenças em Português. Vol 2, 3 ed. São Paulo: EDUSP, 1996.

FILMOGRAFIA

KUBRICK, S. **A clockwork Orange** (Laranja Mecânica). Dir. Stanley Kubrick, 1971.

SOBRE O AUTOR

Pedro Castilho: Psicanalista e Professor da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), vem realizando pesquisas nas áreas de Políticas Públicas, Adolescência em Conflito com a Lei, Inclusão Social, Psicanálise, Violência e Contemporaneidade. O professor também é membro da SIPP - (International Society for Psychoanalysis and Philosophy) grupo de professores e pesquisadores de várias universidades do mundo que discutem os temas relacionados à sua pesquisa.